



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

AIENE RIZZA MELO

O ESTADO NOVO: HISTÓRIA DAS MULHERES NA REPRESENTAÇÃO NO
JORNAL DAS MOÇAS DE 1937 A 1945

CATALÃO- GO
2019



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Aiene Rizza Melo

Título do trabalho: O ESTADO NOVO: HISTÓRIA DAS MULHERES NA REPRESENTAÇÃO NO JORNAL DAS MOÇAS DE 1937 A 1945.

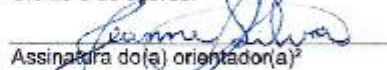
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)

Data: 04/07/19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo ~~exige justificativa~~ junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

AIENE RIZZA MELO

O ESTADO NOVO: HISTÓRIA DAS MULHERES NA REPRESENTAÇÃO NO
JORNAL DAS MOÇAS DE 1937 A 1945

Relatório científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Goiás - Regional de Catalão, sob a orientação da Profa. Dra. Jeanne Silva, como requisito obrigatório para obtenção de título de mestre em História Social.

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Práticas Educativas.

CATALÃO-GO
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rizza Melo, Aiene
O ESTADO NOVO: HISTÓRIA DAS MULHERES NA
REPRESENTAÇÃO NO JORNAL DAS MOÇAS DE 1937 A 1945
[manuscrito] / Aiene Rizza Melo. - 2019.
LV, 55 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Jeanne Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão,
Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2019.
Bibliografia.

1. Mulheres. 2. Era Vargas. 3. Jornal das Moças. I. Silva, Jeanne ,
orient. II. Título.

CDU 94



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 46

Aos treze dias do mês de junho de dois mil e dezenove realizou-se, na sala do Laboratório de Audiovisual, localizado no Bloco Didático II, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado **O ESTADO NOVO: HISTÓRIA DAS MULHERES NA REPRESENTAÇÃO NO JORNAL DAS MOÇAS DE 1937 A 1945**, de autoria da mestrandia **Aiene Rizza Melo**. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelas docentes Prof.^a Dr.^a Jeanne Silva, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof.^a Dr.^a Luzia Marcia Resende Silva, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC e Prof.^a Dr.^a Janaina Ferreira Silva, professora da Secretaria de Estado de Minas Gerais. A sessão teve início às 14:00, sendo presidida pela Prof.^a Dr.^a Jeanne Silva (orientadora) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidente da sessão passou a palavra a discente que teve quinze minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra as componentes da banca que tiveram cada uma, vinte e cinco minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestrandia quinze minutos para responder. Após o término da arguição, a Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente que se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: Aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos treze dias do mês de junho de dois mil e dezenove.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Jeanne Silva (Orientadora UFG/RC) Jeanne Silva

Prof.^a Dr.^a Luzia Marcia Resende Silva (UFG/RC) Luzia Marcia Resende Silva

Prof.^a Dr.^a Janaina Ferreira Silva Janaina Ferreira Silva

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre muito bom e louvável, por, por meio desse ato, afirma-se que algo que era desejado aconteceu, concretizou-se. Por isso, expresso minha gratidão a cada um(a) que contribuiu com a realização deste mestrado.

Em especial à Dra. Jeanne, minha professora orientadora, por me guiar, abraçar, levantar e me ajudar inúmeras vezes. À Dra. Luzia Márcia, que ao longo de toda esta caminhada acadêmica, sempre me incentivou e me fez acreditar em mim mesma. À Dra. Márcia dos Santos, pois foi por sua influência e em razão da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência que abracei a missão de ser professora. À Dra. Eliane Martins, que me mostrou e ensinou a dar voz às mulheres.

Também sou grata a mim mesma, pois, apesar de enfrentar inúmeras dificuldades, peguei meus medos e frustrações e os transformei em combustível para crescer intelectual e pessoalmente.

À minha família, que compreendeu as inúmeras vezes que me tornei ausente para realizar este sonho e por toda a rede de apoio que me ofertaram.

Aos(às) inúmeros(as) alunos(as) que me incentivaram e para os quais desejo servir como inspiração, para que se espelhem em mim. É por eles(as) que não desisto de tentar ser uma pessoa, professora e amiga melhor.

À rede de apoio de amigos do mestrado: Leônia, Marcos Tadeu, Kelly, Leônia, Roneide e Rúbia. Juntos, mutuamente, apoiamo-nos e caminhamos para conquistar o sonho de ser mestres.

E à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, que fomentou este estudo.

*“Os homens fazem a sua própria história, mas não o fazem como querem...
a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”*

Karl Max

*“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos
das mulheres sejam questionados. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua
vida”*

Simone de Beauvoir

RESUMO

Discorre-se, neste relatório científico e no material didático elaborado, sobre como se deu a participação das mulheres, enquanto sujeitos históricos, no período Estado Novo do governo de Getúlio Vargas, de 1937 a 1945, utilizando como fonte histórica o “Jornal das Moças”, voltado para o público feminino, mas escrito por homens. Nesse material, foi analisada como foi representada e enaltecida a imagem de Getúlio Vargas para as mulheres leitoras do referido veículo de comunicação; mostrou-se como o período higienista foi retratado; e, por fim, foi exibida a forma como a mulher era caracterizada, de modo a compreender qual deveria ser o seu papel e comportamento, tendo em vista o machismo, intrínseco à sociedade no período estudado, e também presente nas páginas do “Jornal das Moças”. O material didático produzido, em formato de livreto, disponível em PDF, é de fácil acesso, sendo indicado para professores(as) que lecionam História ao público do nono ano da segunda fase do ensino fundamental e terceiro ano do ensino médio, além de conter atividades que também podem ser trabalhadas com outras séries. Esse material didático possui uma grande relevância social, pois apresenta um conteúdo diferenciado, além de ser rico em imagens e com linguagem acessível.

Palavra-chave: Mulheres. Era Vargas. Jornal das Moças.

ABSTRACT

In this scientific report and in the didactic material elaborated on, how was the participation of women as historical subjects in the New State, period of Getúlio Vargas's government, from 1937 to 1945, using as historical source the "Jornal das Moças", aimed at the female audience, but written by men. In this material, it was analyzed how the image of Getúlio Vargas was represented and praised for the women readers of said vehicle of communication; it was shown how the hygienist period was portrayed; finally, the way the woman was characterized was shown in order to understand what her role and behavior should be, given chauvinism, intrinsic to society during the period studied, and also present in the pages of the "Jornal das Moças". The teaching material produced in a booklet format, available in PDF format, is easy to access and is suitable for teachers who teach History to the public of the ninth year of the second stage of elementary education and the third year of secondary education, activities that can also be worked with other series. This didactic material has a great social relevance, because it presents a differentiating content, besides being rich in images and with accessible language.

Keywords: Women. Vargas Age. Jornal das Moças.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Justificativa.....	20
Objetivos	22
Bibliografia	25
Anexo.....	29

INTRODUÇÃO

História das mulheres, Getúlio Vargas e Estado Novo são temas que sempre chamaram minha atenção enquanto historiadora, mulher e sujeito histórico. Em 2016, defendi meu trabalho de conclusão de curso de graduação em História, na Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Catalão, intitulado “*Jornal das Moças e a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*”. Nesse estudo, concluí que Getúlio Vargas, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda, interferiu, manipulou e propagou a ideia de mulher ideal, a qual o governo tinha a missão de educar, com vistas a influenciar as gerações futuras, e assim tornar a sociedade mais saudável, cristã, trabalhadora, patriota e civilizada.

Em 2017, ingressei no mestrado profissional em História com o interesse de continuar trabalhando com a temática História das Mulheres. Meu projeto inicial era voltado para o estudo da participação das mulheres na política no Estado Novo, porém, a banca de qualificação, da qual minha orientadora de graduação participou, sugeriu que eu retomasse a temática desenvolvida no trabalho de conclusão do curso da graduação, em razão da relevância da temática para o século XXI.

Como iniciei o mestrado com a ideia de elaborar um material didático, essa seria uma boa oportunidade para transformar os resultados da pesquisa em um material que pudesse ajudar os(as) colegas professores(as) a lecionarem com o suporte de um material de fácil acesso, considerando o curto período das aulas, que é de aproximadamente 50 minutos.

Ao lecionar na segunda fase do ensino fundamental e no ensino médio, comprovei o que já havia percebido no meu primeiro contato com a docência, em 2015, no estágio da graduação: que os(as) professores(as) e livros didáticos não abordam adequada e satisfatoriamente a temática das mulheres, o que justifica a relevância deste trabalho.

No período do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), verifica-se, na grande maioria dos livros didáticos que circulam nas escolas da cidade de Catalão-GO, o tema da conquista do voto feminino em 1932. Já considerando o período sobre o qual

versa este estudo, de 1937 a 1945, identificam-se relatos sobre Olga Benário¹, a responsável pela minha adoração a esse período. Mas os livros não passam de abordagens superficiais sobre a histórias das mulheres, sem promover qualquer aprofundamento.

Comecei, então, a pensar sobre como eu poderia transformar esta pesquisa em um material didático a ser utilizado em sala de aula. Considerei a importância de que fosse um material de fácil acesso para todos(as) os(as) professores(as), em razão dificuldades que enfrentam nas escolas públicas de todo o país, e, principalmente, pelo pouco tempo que dispõem para lecionar os conteúdos do currículo escolar.

Também procurei levar em conta que, na maioria das nossas escolas públicas, nem sempre o(a) professor(a) que leciona História é historiador(a), e muitas vezes é graduado(a) em outras áreas, como Geografia, Biologia, entre outras. Portanto, tive como meta elaborar um material voltado também para esse(a) professor(a), de maneira a facilitar sua compreensão sobre o período do Estado Novo, e, assim, auxiliá-lo(a) a ministrar uma aula melhor.

O material didático produzido em formato de livreto, que pode ser impresso, é destinado a professores(as) que ensinam História para o nono ano da segunda fase do ensino fundamental e para o terceiro ano do ensino médio, para que possam explicar sobre a Era Vargas por intermédio da história das mulheres. Por trabalhar com questões relacionadas à mulher e abordar a temática do machismo, o material também pode ser trabalhado com outros públicos.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do terceiro ano do ensino médio, no segundo bimestre, há uma unidade nominada de “Relações políticas, religiosas, culturais e econômicas no mundo contemporâneo. Globalização”. Dentro dessa unidade, há a temática “Brasil e Goiás Contemporâneo. Nova Ordem Mundial Globalização”. Nesse eixo temático, tem-se a expectativa que o aluno aprenda

¹ Olga Benário era judia, e nasceu em 1908 em Munique, na Alemanha. Na adolescência, tornou-se uma revolucionária integrante da Internacional Comunista, que lutava para ver o fim das desigualdades e das injustiças sociais. Em 1934, foi designada para fazer o “levante Socialista” no Brasil, ao lado de Luís Carlos Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro. O plano da Intentona Comunista foi colocado em prática em novembro de 1936, mas, sem sucesso. Olga, então, foi presa, mesmo estando grávida de Luís Carlos Prestes. Em seguida, foi deportada para a Alemanha nazista e entregue a Gestapo. Em um campo de concentração nasceu sua filha, Anita Leocádia Prestes, que depois de várias campanhas foi entregue a sua avó paterna, Dona Leocádia. Em 23 de abril de 1942, Olga foi executada em uma câmara de gás em um campo de concentração de Bernburg, na Alemanha.

- Compreender a relação de gênero no tempo e no espaço: entendendo e distinguindo a ação dos sujeitos históricos, homens, mulheres e crianças, ao longo da história da humanidade.
- Identificar a ausência da mulher nas narrativas históricas tradicionais.
- Desenvolver atitudes contrárias ao racismo, ao preconceito e qualquer forma de discriminação.
- Discutir a construção do outro e suas representações ao longo da história
- Valorizar a ação dos movimentos sociais em prol da democracia e da igualdade de direitos. (BRASIL, 2017, p. 277)

Mesmo a BNCC assinalando que é necessário abordar as questões de gênero, pelo fato de ser professora e estar envolvida no ambiente escolar, observo que nem sempre se discute essa temática, e, quando se apresenta a questão, ela não é desenvolvida de maneira eficiente e eficaz. Um dos grandes impedimentos para que isso aconteça é o curto tempo que os(as) professores(as) têm para ministrar vários temas em poucas aulas semanais. No ensino fundamental, são três aulas de História, e no ensino médio apenas duas, cada uma com duração de aproximadamente 50 minutos, por semana.

Além disso, a maioria dos(as) professores(as) da rede pública enfrenta dificuldade em ter acesso a materiais didáticos que apresentem a história da mulheres, visto que grande parte dessas produções ficam restritas às universidades e grandes bibliotecas. Com isso, tornam-se inacessíveis para os(as) que atuam na educação básica, e que, por vezes, não conseguem o embasamento de que necessitam para suas aulas, além dos livros didáticos.

No período de 1930 a 1945, nos livros didáticos, são encontrados poucos conteúdos teóricos sobre as mulheres, e o que se apresenta é muito limitado a informações, o que não possibilita nem direciona uma análise crítica. Vê-se, no máximo, um parágrafo que descreve a história das mulheres, e, normalmente, essa menção é feita no final do capítulo, após o tema todo já ter sido desenvolvido.

Outra problemática que se vivencia na maioria das escolas é o fato de que há professores(as) que atuam em áreas que não a de sua formação, como, por exemplo, licenciados(as) em História que ministram aulas de Português ou Inglês; graduados(as) em Geografia que ministram aulas de História, e assim por diante.

Isso acontece sobretudo em razão da carência de professores(as) nas licenciaturas, que não é muito atrativa em decorrência de vários fatores, entre eles, a baixa remuneração, com salários por vezes abaixo do piso; falta de reconhecimento da sua importância; falta de concursos para a contratação de professores(as), obrigando um grande

número de licenciados(as) a trabalharem em regime de contrato, o que não oferece nenhum tipo de segurança, estabilidade; e poucos diretos trabalhistas. Diante disso, as salas de aulas dos cursos de licenciatura nas universidades estão a cada dia mais vazias.

Mas vale destacar que alguns(mas) professores(as) costumam empreender estratégias para melhorar seus salários, que são muito defasados. Para isso, aumentam sua jornada de trabalho, chegando a trabalhar 60 horas semanais. Em virtude disso, acabam assumindo aulas que não são da sua especialidade, de sua formação. A falta de especialização nas aulas culmina na ausência de qualidade e eficiência das mesmas, pois, para se ensinar bem, é preciso, além de didática e conhecimento sobre os alunos, conhecimento teórico.

Os(as) professores(as) de História são de suma importância para a sociedade, pois são protagonistas do saber, como afirma Cerri (2011). É por meio do trabalho que desenvolvem que participam da constituição das identidades dos(as) estudantes, que aprendem a pensar historicamente, não aceitando informações, dados e ideias sem problematizar em qual contexto foram produzidos.

Cabe aos(às) professores(as) estimular os(as) alunos(as) a levar em consideração alguns pontos relevantes, como o tempo, os posicionamentos políticos, as classes sociais, entre outros aspectos, de maneira que consigam entender que todo produto de uma ação possui vários sujeitos, e que é importante conhecê-los. (CERRI, 2011) Nesse sentido, a disciplina História deve interferir positivamente na formação de consciência histórica, ao propiciar a interligação entre passado, presente e futuro.

A contribuição da história na escola não é só a compreensão da própria realidade e a formação da identidade, mas também a concepção e compreensão da diferença, da alteridade- tanto para ensinar a convivência nas sociedades que hoje são, na maioria, multiculturais, quanto para ensinar a julgar o próprio sistema político e social em que se vive. (CERRI, 2011, p. 126)

Por muito tempo, as mulheres estiveram fora da historiografia, Cabe ressaltar que por muito tempo a historiografia era escrita predominantemente por homens e não por mulheres, homens brancos e ricos. O que inviabilizava o acesso a materiais e métodos para ensinar sobre a História das mesmas. E esse quadro apenas começou a se alterar quando elas começaram a caminhar em direção à emancipação e à liberdade. (PERROT, 2007) A partir da tomada de consciência histórica, tiveram início os estudos sobre a História do

corpo, dos papéis das mulheres no âmbito privado e no espaço público da cidade, e, também, das mulheres ativas no trabalho, na política e na guerra.

A invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas; sua fala em público é “indecente” (PERROT, 2007). Esse silêncio se deve, primeiramente, ao fato de o ambiente da mulher ser o privado, o espaço do lar, e não o público. Além disso, verifica-se a falta de fontes que mostrem a presença do feminino, pois, grande parte da história das mulheres foi escrita por homens. As mulheres deixaram muitos registros, muitos dos quais eram destruídos por elas mesmas, por serem julgadas e criticadas.

“A mulher é...”. A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. [...] As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas. (PERROT, 2007, p. 17)

Na sociedade patriarcal, as mulheres e homens têm muito bem definidos seus papéis em uma relação de poder que as colocam restritas ao âmbito do privado, do doméstico, sob justificativa de atributos biológicos. Pelo fato de terem útero e gestarem filhos, acabam assumindo os cuidados do lar e da família, atributos tidos como naturais e exclusivamente femininos. Quando saem de casa para trabalhar, quase sempre é por necessidade financeira.

As construções sociais feitas na sociedade patriarcal são explicadas no uso de gênero, que levam a pensar as relações de poder junto com os movimentos sociais, principalmente o feminista. As discussões sobre gênero colocam em debate a necessidade de desconstrução de atitudes discriminadoras e práticas políticas de dominação e submissão que, ainda nos anos 2000, são vistas como naturais.

Scott (1995) define gênero como

Uma maneira de indicar “construções sociais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 87)

A História das mulheres deve abordar as questões de representação, dominação e desigualdade de poder construída pela dominação masculina. (LOSANDRO;

TEDESCHI, 2008) É necessário desconstruir essa educação “informal”, por meio da qual meninas são ensinadas a ser “femininas”, dóceis, passivas, úteis, prestativas, tolerantes; ao passo que os meninos são orientados a ser “masculinos”, competitivos, corajosos, inteligentes, aventureiros.

Esse estereótipo é reforçado em diversos ambientes, principalmente no lar e na escola, mas também no cinema, nos jornais, nas revistas, nas brincadeiras. Essa violenta normalização constitui uma estratégia de produção e reprodução de desigualdade de gênero, que acaba por naturalizar o discurso de que certos atos e condições são naturais para as mulheres, pois fazem parte da sua natureza feminina.

A ausência de mulheres na História leva a pensar em uma série de questões, como: Onde estão as mulheres na História? Por que a História não as apresenta? Por que os livros didáticos invisibilizam as mulheres na História? Desde a educação básica, eu não me reconhecia na História, e percebia que os conteúdos ensinados na escola serviam apenas para reforçar o machismo.

Na minha adolescência, conheci a primeira obra que tratava da temática mulher, a qual se tornou muito especial para mim. Trata-se do livro “Olga”, de Fernando Morais (2004), que conta a história de Olga Benario. Por meio dessa obra, pude compreender que é possível produzir a História das mulheres que participam ativamente na sociedade. Lamentei não ter dito o prazer de conhecer antes essa obra, que me oportunizou conhecer sobre a História das mulheres.

Ao adentrar no espaço acadêmico, questionei quais seriam os benefícios desse aprendizado, que construí sozinha, em minha adolescência, ser promovido nas escolas, em sala de aula, com a intermediação e um(a) professor(a). Tenho certeza de que, com esse suporte, teria me reconhecido na História e, conseqüentemente, aprendido mais cedo sobre a força e o poder que as mulheres sempre tiveram.

“Olga” me apresentou um período que não me recordo de ter estudado na escola, o Governo de Vargas. O presidente Getúlio Vargas foi retratado como um homem vingativo e desumano. Já na graduação, conheci outra face do chamado “pai dos pobres”, o que despertou minha curiosidade por compreender como ele foi capaz de exportar uma mulher judia no sétimo mês de gestação de um brasileiro para a Alemanha nazista. Se esse “pai dos pobres” conseguiu tratar com tamanha desumanidade Olga Benario, o que ele fazia com as mulheres naquele período? Como era o contexto e qual foi o motivo que levou Getúlio Vargas a extraditar Olga?

No início do mestrado, em 2017, com o auxílio de ricas bibliografias, comecei a entender que não existe uma única forma de ser mulher, pois cada uma é única, diferente, e todas formam uma pluralidade. Essas leituras também me mostraram que o século XX foi repleto de transformações, e, como afirma Araújo (2003), as mulheres agora não possuem apenas a obrigação de cuidar do lar, dos filhos e do marido, mas também precisam se preocupar com a administração e economia doméstica.

Nos anos 1930, houve uma abertura para o acesso das mulheres à escola, afinal, elas precisavam saber ler principalmente as receitas e a bíblia, além de conhecer matemática para saber economizar no ambiente doméstico, fazendo melhor uso do dinheiro do esposo.

Devido a necessidade de ajudar na renda familiar ou mesmo de manter o lar, as mulheres menos favorecidas economicamente, por toda a História, sempre trabalharam fora e dentro de casa. Na Era Vargas não foi diferente, pois mesmo complementando a renda familiar, as mulheres que trabalhavam fora ainda tinham que fazer todos os afazeres domésticos, cuidar dos filhos, do marido e, ainda, fazer do seu lar um recanto de amor e felicidade. (ALVES, 2000)

Em 2016, concluí meu trabalho de conclusão de curso de graduação, que discuti as mulheres na Era Vargas, particularmente as que ficavam em seu lar, as donas de casa. Nesse trabalho, tive o prazer de conhecer um pouco sobre o plano de ação do Estado para com as mulheres nesse período. O grande propósito era mudar a face do Brasil e fazer com que o número populacional aumentasse, mas também que essa nova nação fosse higienizada, disciplinada, saudável e educada nos padrões do cristianismo católico.

Nessa empreitada de modernizar e educar o país, Getúlio Vargas deu às mulheres um cargo muito importante, o de cuidadoras, zeladoras, protetoras da família. Para criar uma nova nação, elas eram orientadas e avaliadas pelo governo, pela igreja católica e pela sociedade, visto que tinham o dever de proteger sua família e torná-la boa, utilizando de todos os métodos possíveis.

Às mulheres cabiam aplicar em seu lar os modernos conhecimentos médicos e higiênicos, bem como cuidar da formação moral de seus filhos, os futuros cidadãos do país. Por isso, líderes católicos, cientistas, políticos, educadores, demógrafos, médicos e economistas defendiam a permanência delas no lar, acreditando que isso poderia construir com uma população hígida, que sustentaria o crescimento econômico do país.

Ostos (2012) diz que o homem trabalhador (classe baixa) brasileiro era considerado pela classe média/alta um ser fraco, subnutrido, ignorante com relação à higiene, que habitava em moradias insalubres, propícias ao desenvolvimento de doenças, cheio de vícios e perversões (banditismo, prostituição, malandragem). Tendo isso em vista, médicos e educadores fomentaram o discurso científico de que era preciso educar as mulheres sobre higiene, nutrição e sobre uma pedagogia infantil. (NAHES, 2007)

Com isso, as mães seriam capazes de superar práticas tidas como atrasadas, como, por exemplo, a cultura de amas de leite pelas mulheres de classe média, o desmame precoce dos bebês, e uso de remédios caseiros sem o aval de um médico. O governo colocou em vigor um projeto sustentado por uma intensa propaganda ideológica, com um exagerado e alienante nacionalismo, em um processo de aculturação. (NAHES, 2007)

Nesta pesquisa, utilizei como fonte o periódico semanal denominado “Jornal das Moças”, do qual foi selecionada, de forma aleatória, uma edição de cada ano, no período de 1937 a 1945. Considerando essa fonte, nota-se a importância dada às mulheres no período do Estado Novo, especialmente às donas de casa, a quem cabia transmitir valores morais, educacionais e higienistas.

Esse semanário está todo digitalizado no site da Biblioteca Nacional², na seção da Hemeroteca Digital Brasileira, as pesquisas são gratuitas ao público. O “Jornal das Moças” inicia seus trabalhos em maio de 1914 e finaliza em dezembro de 1968 na cidade do Rio de Janeiro. Inspirado nos magazines europeus, suas páginas trazia conteúdos sobre moda, dicas de beleza, culinária, comportamento, propagandas..., a distribuição ocorria semanalmente as quintas-feiras. Os proprietários eram também os diretores, Álvaro Menezes era diretor e redator, Agostinho Menezes era diretor responsável, Oliveira Herencio era o redator secretário da então empresa “Menezes, Filhos e C.ltda”.

Nahes (2007) afirma que, no Estado Novo, as matérias divulgadas na mídia brasileira funcionavam como uma campanha massiva de reforço da moral e dos bons costumes. Por isso, em relação às mulheres, exacerbava-se seu papel de boa mãe, esposa, dona de casa, de uma mulher assexuada, quase um anjo. Nesse contexto, elas foram reeducadas, orientadas a como ser donas de casa, para não apenas cuidar da família, mas também educar, dar carinho, amor, oferecer proteção, atenção, perdoar, doar-se completamente, chegando a se anular enquanto sujeito. Tudo isso com vistas garantir à família o status de “boa”.

² Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>>. Acesso em: 28 jun 2019.

Ademais, a política do governo Vargas almejava que as mães superassem a cultura da superstição, que começassem a ser mais científicas e modernas, contudo, sem se esquecer das tradicionais obrigações a elas destinadas. As mães não deveriam ser apenas enfeites, mas precisavam se dedicar à família por inteiro, e não designar essa tarefa às empregadas, de maneira que elas mesmas deveriam ser mães, rainhas do lar.

Como assinala Nahes (2007, p. 14), “A estratégia da Era Vargas era a retirada da mulher do espaço público para o espaço privado, restringindo-a ao espaço privado do lar”. Almejava-se, pois, a participação das mulheres nas missas, nos jornais, nos postos de saúde e em diversos outros espaços.

Mas é preciso salientar que, no plano de governo, a mulher deveria ser a imagem e semelhança da Virgem Maria, temente a Deus, seguidora dos desígnios católicos, esposa dedicada, virtuosa, repleta de paciência e perdão, boa mãe, zelosa pela higiene e bons modos. Logo, ela deveria ser a dona da casa, mas não poderia ser ela mesma.

JUSTIFICATIVA

Volta-se inúmeras vezes ao passado para explicar ações e atos do presente. Exemplo disso é que em Catalão-GO, região Centro-Oeste do país, convive-se com uma intensa migração da população de outras regiões, em busca de melhores condições de vida, assim como aconteceu no século XIX e XX para o Rio de Janeiro e São Paulo, estados da região Sudeste, e para diversas outras localidades.

Conhecer a História da sociedade é conhecer a si mesmo. Por isso questiono: Como (re)conhecer o passado das mulheres? Em quais fontes buscar informações sobre elas? Aprende-se e, muitas vezes, recria-se uma concepção do que é ser mulher, por influência da mídia, especialmente da publicidade, e também de jornais, revistas, filmes, redes sociais, família, igreja e sociedade, os quais apresentam, de diferentes formas, padrões de comportamento em relação ao que as mulheres devem ser, fazer, pensar e agir, e revela uma concepção social sobre as mesmas.

A escrita, a análise e o ensino sobre a História se fazem necessários para desnaturalizar a construção social que normatiza o que é ser mulher. Ao estudar sobre a História das mulheres, elas serão reconhecidas como sujeitos históricos ativos, repletas de força, voz e coragem.

Mas é preciso reconhecer que o estudo sobre a História das mulheres traz uma ambiguidade, pois, apesar de mostrar sua força política, desafia e desestabiliza as lógicas disciplinares estabelecidas. (SCOTT,1992) Ao escrever sobre a História das mulheres, está se afirmando que a mesma precisa ser reescrita, pois está incompleta. Sendo assim, contrapõe-se ao que foi estabelecido como verdade única e absoluta, e se estabelece uma luta contra padrões consolidados, destituindo o posto do “homem universal”.

Cerri (2011) afirma que não basta conhecer os fatos e processos históricos, sendo preciso ter capacidade de interpretar o tempo e usar esse conhecimento para a própria vida. Fatos históricos possuem diferentes interpretações, que dependem da ótica de seus protagonistas.

Tendo isso em vista, este trabalho se justifica em razão da ausência de materiais de fácil acesso para os(as) professores(as) da rede escolar pública sobre a História das mulheres no período do Estado Novo. Apesar de haver um número significativo de monografias e trabalhos de conclusão de curso de graduação sobre essa

temática, normalmente eles ficam restritos às bibliotecas das universidades. Por isso, o que se pretende é criar um material acessível a qualquer professor(a), pois estará disponível na internet.

O interesse em criar esse material também se dá no sentido de facilitar a rotina atribulada dos(as) professores(as), que, quando se deparam com um material muito extenso ou quando enfrentam dificuldades para encontrá-lo, desistem da pesquisa e, conseqüentemente, de inserir novos em suas aulas. Por isso, este material estará disponível na internet, de forma gratuita, para ser acessado por qualquer professor(a). O livreto se caracteriza como um material prático, pensando no curto tempo que os(as) professores(as) dispõem para lecionar semanalmente.

A parte teórica está redigida com uma linguagem objetiva, de fácil compreensão, apresentada juntamente diversas imagens, charges, propagandas e colunas extraídas do “Jornal das Moças”. Tudo pensado para auxiliar, da melhor maneira possível, o(a) professor(a) de História a ensinar aos(às) seus(uas) alunos(as) como era a representação das mulheres no referido jornal no período de 1937 a 1945, conhecido como Estado Novo no governo de Getúlio Vargas.

No material, há uma parte chamada de dicionário, na qual são explicados ou lembrados os significados de algumas palavras e termos, o que favorece a consulta do(a) professor(a), que não precisa recorrer a um dicionário. Além disso, há uma parte denominada “Baú de conhecimento”, com dicas de fontes para pesquisa, em formato de texto, áudio ou vídeo, todas disponíveis na internet, com indicação de links para acesso.

No mais, há uma parte de exercícios, cujo título é “Vamos Trabalhar?”, que propõe análise de imagens, debates, levantamento de questões, sempre provocando reflexões a serem feitas em sala de aula. A intenção é que os(as) alunos(as) sejam ouvidos(as) como sujeitos históricos, pois, por mais novos(as) que sejam, possuem uma ampla bagagem de conhecimento e informação. Essa atividade também propicia que, por meio do debate, eles(as) aprendam a ouvir, emitir opinião e saber argumentar, além de respeitar a posicionamento dos(as) colegas.

OBJETIVOS

Ministrar uma excelente aula é o objetivo de todo(a) professor(a), para que os(as) alunos(as) consigam aprender por meio da análise, do debate e da crítica. Não se trata, pois, de um aprendizado bancário, em que recebem pacificamente os conteúdos; mas sim de uma educação libertadora, que possibilita o diálogo e a reflexão, como afirma Paulo Freire na obra “Pedagogia do Oprimido”.

O aprendizado construído mutuamente entre professor(a) e aluno(a) deveria ser a realidade de todas as aulas. Entretanto, os(as) professores(as) não conseguem trabalhar sempre com excelência em razão de inúmeros fatores, como: falta de estrutura física, inexistência de equipamentos tecnológicos, e limitação orçamentária, o que impede visitas a museus e a cidades históricas, e até mesmo inviabiliza a compra de material de apoio, que poderia ser utilizado em sala de aula.

Além disso, na cidade de Catalão-GO, por exemplo, há alguns professores(as) que ministram aulas de História, porém, não são formados na área. Em razão disso, as pesquisas que realizam e o planejamento de suas aulas esbarram em obstáculos, em virtude de não estarem familiarizados(as) com os materiais e/ou conteúdos da área do conhecimento em questão. Por isso, tem-se a necessidade de criar materiais didáticos claros e objetivos para esses(as) professores(as).

Mas é preciso reconhecer que mesmo os que são formados em História têm dificuldades com algumas temáticas, como a História das mulheres, por exemplo. Também há os professores que se graduaram há algumas décadas, e enfrentam obstáculos ao utilizar materiais modernos, até mesmo em fazer pesquisas utilizando o computador, ou quando ousam se valer do recurso de imagens, vídeos, e mais.

Logo, pensando nas dificuldades e na falta de tempo dos(as) professores(as), bem como nas problemáticas internas das escolas, este livreto tem como propósito ajudar esses(as) profissionais a ministrar uma aula excelente, tendo em vista as temáticas que se propõem a trabalhar. O que se intenta é colaborar com a didática, com reflexões, estudo de imagens, sempre considerando as fontes da época em estudo, que é a Era Vargas.

É fundamental produzir conhecimento, ir contra a hegemonia de uma forma de ensino e dos livros didáticos a fim de desconstruir o machismo, ensinar a importância e a necessidade das Histórias das mulheres; mostrar como e porque elas ainda sofrem com a

imposição da sociedade e das mídias sobre o que é seu papel. Por isso, apresenta-se a análise do “Jornal das Moças”, que permite conhecer o papel das mulheres na Era Vargas.

O livreto leva o(a) professor(a) a fazer reflexões, como: O que foi o período higienista? Essa campanha ainda está em nosso cotidiano? Como era a imagem de Getúlio Vargas? Ele a construiu? Ainda há construção de imagens, de políticos ou nas redes sociais, no século XXI? Como é a representação das mulheres nas mídias? A representação feminina nos anos 2000 é igual a manifesta no “Jornal das Moças”? O que mudou em relação ao machismo considerando o período desde 1937 até a segunda década do século XXI?

A História cumpre o importante papel de ensinar os(as) alunos(as) a se reconhecerem no tempo, haja vista que promove reflexão sobre mesmo, correlacionando-o com o passado, a fim de que tenham consciência e se reconheçam enquanto sujeitos históricos na sociedade. E, considerando que o espaço escolar é hegemônico, é preciso incentivar os(as) professores(as) a serem contra-hegemônicos. E este material didático tem essa finalidade.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”, afirma Paulo Freire. Logo, é preciso educar os(as) estudantes para que possam mudar o mundo, que é machista, misógino, e no qual persiste a violência contra a mulher. É necessário ensiná-los(as) que as mulheres, ao longo de toda a História, sempre foram atuantes. Entretanto, como a História é escrita principalmente por homens, brancos e ricos, é preciso ensiná-la tendo como foco as mulheres, para que se possa desnaturalizar a concepção de que elas não tiveram importância em outros períodos.

Considerando essa necessidade de educação para transformar o mundo, este trabalho tem como objetivo contribuir para combater o machismo nas salas de aula por meio da educação. Para tanto, o livreto sugere caminhos para o(a) professor(a) levar à desconstrução do machismo, desnaturalizando piadas machista, ofensivas e maldosas.

Com o material didático apresentado, pretende-se manter um diálogo claro e objetivo com o(a) professor(a), que receberá orientações didáticas sobre o tema que o livreto aborda, e terá acesso a propostas diversificadas de trabalho a serem desenvolvidas em classe, de maneira a instrumentalizá-lo(a), mas conferindo-lhe liberdade para escolher a melhor maneira de trabalhar com o material.

O livreto será dividido em quatro capítulos: Período Higienista; Os planos e a imagem de Getúlio Vargas; A representação feminina no Jornal das Moças; e Machismo.

Inicia-se como uma breve explanação sobre o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930 a 1945), trazendo imagens divulgadas pelo próprio governo no “Jornal das Moças”.

No primeiro capítulo, discorre-se sobre o período higienista no Brasil, tendo em vista a forma como ele foi apresentado no “Jornal das Moças”, que contém propagandas sobre higiene. O objetivo é ilustrar a maneira como novos hábitos foram inseridos no cotidiano das mulheres no período do estudo.

No segundo capítulo, são apresentados os planos de governo de Getúlio Vargas voltados para as mulheres, as responsáveis por construir um novo Brasil, e se discorre sobre como a imagem do presidente foi construída nas páginas do “Jornal das Moças”.

No terceiro capítulo, mostra-se a representação das mulheres no “Jornal das Moças”, de modo a evidenciar o modelo ideal de conduta a ser seguido, realçando os “papeis de uma boa mulher”.

Por fim, no quarto capítulo, são exibidos exemplos de machismo no período analisado, presente em ilustrações e piadas.

BIBLIOGRAFIA

A HISTÓRIA das mulheres na política brasileira. Publicado pelo canal Conselho Nacional de Justiça. Youtube, 11 de março de 2014. 1 vídeo (04m11s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C2gLeH1ovIE>>. Acesso em: 21 de abr. 2018.

A LUTA pelo voto feminino no Brasil. Publicado pelo canal Rafael Costa Monteiro. Youtube, 17 de dezembro de 2013. 1 vídeo (09m55s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ibB8HjtJaFY>>. Acesso em: 20 de abr. 2018.

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto de. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da História. In: X Encontro Estadual de História, 2010, Santa Maria-RS. **Anais [...]**. Santa Maria: UFSM, 2010. Disponível em: <[http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs\[1\].pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs[1].pdf)>. Acesso em: 26 out. 2018.

ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. **Revistas femininas e educação da mulher: O Jornal das Moças.** Universidade Estadual do Ceará, 2006. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. As funções da teoria da história na construção do livro didático de História Regional. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de História: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos.** Goiânia: Editora da PUC-GO, 2012.

AUREA CAROLINA: **Participação das mulheres na política.** Publicado pelo canal Assembleia de Minas Gerais. Youtube, 22 de novembro de 2017. 1 vídeo (22m50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s3J51MP_fcc&t=603s>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BANDEIRA, Lourdes. **Tempos e Memórias Movimento feminista no Brasil.** Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2010/titulo-e-memorias>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

_____. _____. Secretaria da Educação Básica. **Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC.** Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&layout=alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 17 abr. 2017.

_____. _____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio.** Brasília: MEC/SEB, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2017.

_____. _____. **Lei. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

CAINELLI, Marlene. A escrita da História e os conteúdos ensinados na disciplina de Histórico ensino fundamental. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 26, n. 51, jan./jun. 2012.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da história. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, n. 2, v. 6, p. 93-112, 2001.

CORTÊS, Iáris Ramalho. Direito: A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2016.

DIDÁTICA DA HISTÓRIA e educação histórica. Publicado pelo canal LEHIF Goiás. Youtube, 08 de março de 2014. 1 vídeo (1h06m55s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nBG8bTtXdzU>>. Acesso em: 15 jun 2017.

DINIZ, Eli. A O Estado Novo: estrutura de poder e relações de classes. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** 1 ed. São Paulo: DIFEL, 1981.

EISENBERG, José; POGREBINSCHI, Thamy. **Onde está a democracia?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FERREIRA, Angela Ribeiro. **História das mulheres no ensino de História do Brasil: uma análise das abordagens do livro didático.** Londrina: ANPUH, 2005.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos.** Discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Angela de Castro. Estado Novo: ambiguidades e heranças de um regime autoritário. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 133, p. 39-45, nov. 1997.

ISMÉRIO, Clarisse. Construções Representações do universo feminino (1920-1945). **Históriae**, v. 3, n. 2, p.163-183 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2987>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. Documento e História: A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O Historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de história: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos.** Goiânia, Editora da PUC Goiás, 2012.

MESZAROS, István. **A Educação para além do Capital.** Tradução de Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MILLETT, Kate. **Política Sexual**. Tradução de Alice Sampaio. Nova Iorque: Dom Quixote, 1970.

MOTTA, Alda Britto da. Mulheres velhas, elas começam a aparecer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.

NAHES, Semíramis. **A imagem da mulher no estado Novo (1937/1945)**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. Disponível em: <http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/miolo_Fon_Fon.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

O GLOBO. Ser Republicano. O Globo, Rio de Janeiro, 6 jul. 2009 In: CARVALHO, José Murilo. **O pecado original da república**: Debates, personagens, e eventos para compreender o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.

_____. Voto nulo, voto válido. O Globo, Rio de Janeiro, 20 nov. 2016. In: CARVALHO, José Murilo. **O pecado original da república**: Debates, personagens, e eventos para compreender o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.

OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Livros didáticos e Estado Novo: um projeto ideológico. **OPIS**, Catalão, v.14. n. 2, p. 202-220, 2014.

OLIVEIRA; Carlos Edinei. **História de Tangará da Serra**. Tangará da Serra: Gráfica e Editora Sanches Ltda. 2012.

OSTOS, Natacha Stefania Carvalho de. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Pagu**, Campinas, (sem volume), n. 39, p. 313-343, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 07 mar. 2017.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paul: EDUSC, 2005.

_____. **Minha História das Mulheres**. Tradução de Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007;

_____. **Os excluídos da história**: Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareht. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: Teoria da História. Brasília: Ed.UnB, 2007.

SADDI, Rafael. Didática da história na Alemanha e no Brasil: Considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova didática da história no Brasil. **OPIS**, Catalão, v.14, n.2, p.133-147, jul./dez. 2014.

_____. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, jul./dez. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SAMARA, Eni de mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda de Alencar. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do estado novo. **Contexto Enferm.**, Florianópolis, n. 3, v. 17, p. 587-593, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a21v17n3.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. Prefácio a “Gender and Politics of History”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p.11-27, 1994.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOUSA, Marcos Paulo de. **Educação, infância e família na imprensa uberlandense do Estado Novo (1937-1945)**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados-MS: UFGD, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os Românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Anexo



*O ESTADO NOVO:
HISTÓRIA DAS
MULHERES NA
REPRESENTAÇÃO NO
JORNAL DAS MOÇAS
DE 1937 A 1945*

Aiene Rizza Melo

Mestre UFCAT

Sumário

Apresentação	02
Introdução	03
Período Higienista	07
Os Planos e a Imagem de Getúlio Vargas	13
A Representação Feminina no Jornal das Moças	18
Machismo?	21
Bibliografia.....	27



Apresentação

Caro(a) professor(a),

está em suas mãos um material didático feito com muito carinho para o(a) auxiliar pedagogicamente sobre o tema “O Estado Novo e a representação feminina no Jornal das Moças”, bem como para auxiliá-lo(a) a ministrar uma excelente aula.

Este livreto possui uma parte teórica, clara e objetiva, com ilustrações, para ser trabalhado em aulas de aproximadamente 50 minutos. Além disso, o material apresenta outros recursos para melhor auxiliá-lo(a), que são:

- ◆ **Meu dicionário:** seção em que se apresenta o significado de algumas palavras contidas no texto.



- ◆ **Baú de conhecimento:** composto de materiais diversos sobre cada tema apresentado, com a finalidade de auxiliar na compreensão dos mesmos.

- ◆ **Vamos trabalhar?:** apresenta exercícios diferenciados e lúdicos para serem trabalhados em sala de aula, despertando o interesse e atenção dos(as) alunos(as). Tratam-se de atividades de fácil execução e que não comprometem todo o tempo da aula.



Introdução

O período histórico a ser trabalhado neste material é o Estado Novo (1937-1945), primeiro momento do governo de Getúlio Vargas, que durou 15 anos, tendo iniciado em 1930. Seu governo foi dividido em três períodos: de 1930 a 1934 houve um governo provisório; de 1934 a 1937 ele foi presidente eleito por voto indireto; e de 1937 a 1945 foi instaurado o governo ditatorial, encerrado no pós-guerra.

O cenário brasileiro, nesse período, era bem diferente do que se vive no século XXI. Começavam a surgir algumas indústrias nas grandes cidades, mas o país ainda era predominantemente agrário. O Brasil sofria com um atraso econômico, a desigualdade social era muito significativa, pois a escravidão havia acabado há pouco menos de 50, e ainda se viviam as consequências da falta de um planejamento em relação

aos ex-escravos, que demandavam ajuda humanitária, indenização, e mais.

A população brasileira era heterogênea, pois conviviam ex-escravos e seus filhos, juntamente com imigrantes e brasileiros nativos. E ainda não havia sido desenvolvido o nacionalismo, o patriotismo e o amor à pátria, sentimentos valorizados na Era Vargas. O patriotismo era importante, e fazia parte do plano de governo de Vargas, sendo implementada na população brasileira.

Ademais, a área da saúde não era nada promissora. Os índices de mortalidade infantil eram muito elevados e a expectativa de vida do brasileiro era em torno de 50 anos, bastante inferior aos 80 anos de idade do século XXI.

Além disso, as escolas não eram acessíveis a todos, principalmente pelo fato de não serem públicas, e muitas crianças não as frequentavam porque tinham que trabalhar. Com isso, o índice de analfabetismo era de 56,8%. Como se nota, havia muito ainda para melhorar no Brasil.

Diante desse cenário, o primeiro governo de Vargas (1930-1937) foi um período de suma importância para todos os(as) brasileiros(as). A preocupação do presidente era modernizar o país, e pela primeira vez na História houve ganhos significativos em direitos trabalhistas e civis graças as organizações dos trabalhadores e às grandes greves do início do século XX.

Os(as) brasileiros(as), nesse governo populista, conquistaram benefícios como carteira de trabalho, descanso semanal remunerado e garantia de salário mínimo. Além disso, as mulheres passaram a ter o direito ao voto, à licença maternidade e ao repouso em caso de aborto espontâneo, não graças ao paternalismo de Vargas, mas sim, graças às lutas e as organizações da população.

Grande parte da população conhecia Getúlio Vargas como o pai dos pobres, o velho, mas a verdade é que ele, no período do Estado Novo, governou em regime de ditadura. Embasado em uma “Fake News” da época, o Plano Cohen, Vargas instaurou o medo do

Comunismo e tomou o poder ditatorial, com apoio da sociedade civil e da Igreja Católica, com o argumento de que transformaria o país.

A vida das mulheres brasileiras era voltada para o âmbito privado. A maioria das mulheres trabalhava em seus lares, cuidando da casa e da família, a outra parte, trabalhava tanto dentro do lar com as obrigações destinadas as mulheres como fora de casa, essas mulheres exerciam diversos serviços, como: Produzir e vender quitandas e doces, costureira, trabalhadoras industriais, empregadas domésticas... Cabe ressaltar que por muito tempo a historiografia foi escrita por homens, brancos e ricos, podendo auxiliar assim na explicação da ausência das mulheres na historiografia.



Propaganda oficial do Estado Novo de Vargas em homenagem às crianças. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historia/dip-departamento-imprensa-propaganda-estado-novo.htm>. Acesso em: 25 fev. 2019.



Propaganda oficial do Estado Novo de Vargas em homenagem às crianças. Disponível em: <http://revistapress.com.br/edicao-182-propaganda-do-estado-novo/estado-novo-1/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

Neste livreto, será utilizado como fonte de pesquisa o “Jornal das Moças”. Esse veículo de comunicação, da cidade do Rio de Janeiro, foi um semanário, a primeira edição ocorreu em maio de 1914 e a última de dezembro de 1968. No total foram 2.688 edições, dessas, 2.422 estão disponíveis digitalizadas no site da hemeroteca nacional³.

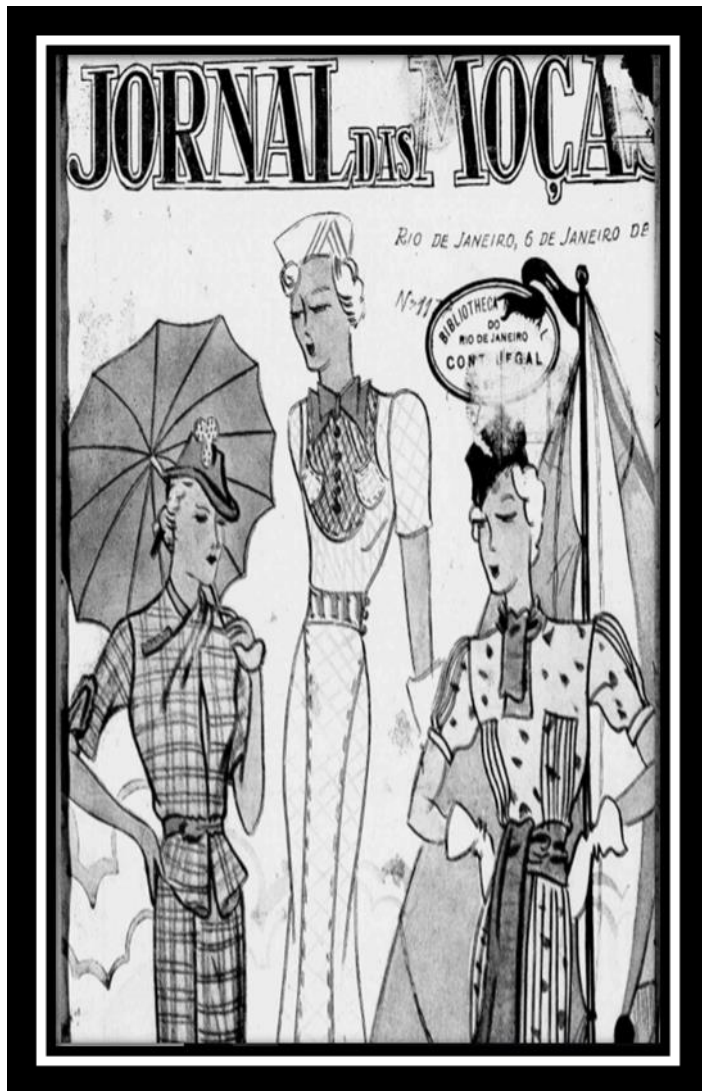
O “Jornal das Moças” tinha características muito semelhantes as das revistas femininas do século XXI, visto que em suas páginas publicavam-se: dicas de moda feminina e infantil, informações sobre saúde familiar, receitas culinárias brasileira e estrangeira, dicas e propagandas de higiene doméstica e produtos de beleza, ensinava-se sobre etiqueta e comportamento, apresentavam-se resenhas de filmes, entrevistas com personalidades, e eram divulgadas ações do governo e fotos de eventos importantes.

Por meio do “Jornal das Moças”, será possível compreender qual era o modelo ideal de mulher naquela época, de acordo com a concepção do Estado e de

como Vargas, valendo-se do Departamento de Imprensa e Propaganda, divulgava sua imagem nos jornais femininos.

Usar o “Jornal das Moças” como fonte de pesquisa nos embasara para melhor compreender a maneira como e a forma de como estava sendo colocada para as mulheres uma nova reformatação do perfil ideológico de mulher no estado novo, pois, através da fonte “Jornal” podemos analisar os discursos, a política, através da imprensa se insere regras de conduta, de moda, ideais políticos.

³ Disponível no site: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>



Fonte: Jornal das moças, ed.1177, 06 de janeiro de 1938.

Os governos anteriores do Brasil já vinham trabalhando medidas para melhorar a higiene em vários aspectos, tendo em vista os ideais de modernidade presentes no país desde o início do século XX. O Brasil era carente em saneamento básico e abastecimento de água, o que contribuía para o surgimento de problemas de saúde pública e disseminação de doenças, como o sarampo e a rubéola. E nas periferias e para a população mais humilde o cenário piorava.

No mais, uma grande parte da população era subnutrida e doente, devido a vários fatores como: falta de informação e conhecimento sobre higiene, falta de condições financeiras para se ter uma alimentação adequada; ausência de condições de higiene; e precariedade do saneamento básico.

As residências da população menos abastada, em sua grande maioria, eram insalubres, pois não eram arejadas, nem mesmo recebiam raios solares, o que favorecia o acúmulo de ácaros e mofos.

Consequentemente, tornavam-se propícias para o desenvolvimento de doenças.

Mas, no contexto do Estado Novo, o Governo do Brasil não almejava inovação apenas no nome; ambicionava modernizar o país em todos os aspectos, principalmente no que se refere à higiene, que era um problema a ser resolvido.

O plano do governo de Vargas de regressar/ permanecer a mulher no espaço privado tinha como objetivo obter resultados importantes para o estado. Manifestando apoio ao presidente, cidadãos, cientistas, Igreja Católica, políticos, médicos e economistas, todos juntos iniciaram uma campanha para propagar os hábitos de higiene, objetivando melhorar a qualidade de vida e saúde da população. E a principal personagem escolhida para essa missão foi a mulher, especialmente a mãe, orientada a inserir hábitos de higiene no seu lar, no cotidiano da família.

O governo, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda, divulgava informações sobre a importância da higiene nas mídias da época, como

jornais, revistas e rádios, nas missas e até nas rodas de conversa.

Por meio da intervenção feminina, acreditava-se que seria possível mudar toda a sociedade, posto que, em vários momentos da História, foi estabelecido o dever da mulher, considerada a rainha do lar, de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ser a melhor mãe, esposa, filha e vizinha. Ela deveria se inspirar na história e na imagem da Virgem Maria, por ser um exemplo nas sociedades cristãs.

O governo, com o aval da sociedade, valendo-se do argumento da moral, incentivava a mulher a trabalhar em casa, pois, sendo a protagonista no projeto higienista, poderia colocar em vigor esse projeto, sustentado por propagandas ideológicas. Estando em seu lar, acreditava-se que ela poderia promover a higienização do ambiente, e sua família se tornaria mais sadia e resistente. Logo, o país teria trabalhadores saudáveis e aptos para o mercado de trabalho.



Fonte: Jornal das Moças, ed.1259, 03 de agosto de 1939, p. 20.

“A hygiene da mulher é a deusa que a embeleza”.

“Certamente, o saber se vestir é uma condição de successo no destino feminino, mas o segredo do êxito está, essencialmente, no asseio corporal. Porque o asseio integral tem uma influencia viva na saúde e uma projecção radiosa na personalidade”.

Percebe-se que a higiene voltada para as mulheres destinava-se como fim o casamento, não havia a preocupação de inserir a higiene pela saúde e/ou pela qualidade de vida da mesma, mas sim, preocupa-se em que as mulheres fossem higiênicas para atender aos anseios do que uma sociedade patriarcal ditada como correta.



A AXILOSE
é a maior inimiga
de Noivados!

Porisso, não permita que a AXILOSE destrua a sua felicidade! Confie ao Sabonete SALUS a sua higiene pessoal. SALUS dá uma deliciosa sensação de asseio e bem estar. Mesmo quando seu odor saudável desaparece, perdura, longamente, seu efeito desodorante. Experimente-o!

Evite a AXILOSE para não ser evitado!

14 105

Sabonete
SALUS
PROTETOR DA SAUDE

- Novo Produto GIBBY

DESODORANTE ★ HIGIENIZANTE ★ ECONÔMICO

Fonte: Jornal das Moças, ed.1259, 03 de agosto de 1939, p. 02.

★

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de Alface ultra concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista. A pele que não respira, resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar e ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Fonte: Jornal das Moças, ed. 1475, 23 de setembro de 1943, p. 19.



Fonte: Jornal das Moças, ed.1177, 06 de janeiro de 1938, p. 38.



Meu dicionário

Insalubres:

- 1 Que não faz bem à saúde; diz-se do local cujas condições são prejudiciais à saúde.

Imoral:

- 1 Que não tem nenhum princípio moral; que vive contrariamente à moral.
- 2 Contrário à moral, às normas de conduta estabelecidas por um grupo social, aos bons costumes.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/imoral/>

<https://www.dicio.com.br/insalubre/>



Baú de conhecimento

Dicas:

Artigo:

OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 210-235, jan./abr. 2013.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/soc/v15n32/09.pdf>

Livro:

Maria Martha de Luna Freire. *Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.



Vamos trabalhar?

Professor(a), analise juntamente com os(as) alunos(as) a imagem a abaixo:



Fonte: *Jornal das Moças*, ed. 1177, 06 de janeiro de 1938, p. 23.

Estimule os(as) estudantes a perceberem os pontos importantes da imagem:

- ◆ No primeiro quadrinho da propaganda, está expresso que a personagem Maria está solteira pelo fato de ter mau hálito.
- ◆ No segundo quadrinho, o dentista afirma que o problema de Maria será resolvido com o uso do creme dental. Ao analisar essa situação, deve-se mencionar que já se sabe que o mau hálito é causado por diversos outros fatores, como problemas estomacais, por exemplo. Leve em conta o período historiográfico (1937-1945), no qual a ciência ainda não tinha o mesmo nível de desenvolvimento que tem no século XXI.
- ◆ No último quadrinho, Paulo retoma o relacionamento com Maria após ela seguir a orientação do dentista e usar o creme dental. Descubra o que os(as) alunos(as) pensam sobre isso.

Os Planos e a Imagem de Getúlio Vargas

Getúlio Vargas almejava um Estado Novo, moderno, marcado pelo progresso. O governo enxergava vários problemas que para ele impediam esse avanço, como: o atraso econômico, o clima tropical, a miscigenação racial, o alto índice de mortalidade infantil, a falta de higiene e o analfabetismo. Na perspectiva ideológica do governo, para conquistar o desenvolvimento, era necessário apagar todo o modelo colonialista e substituí-lo pelo das civilizações europeias.

Visando essa mudança, Vargas contou com o apoio das mulheres, que, em seus lares, com sua família, trabalhariam pela pátria ao cuidar dos cidadãos,

tornando-os modernos, educados, disciplinados e honrosos.

A ideologia do papel da mulher foi muito propagada nesse período. Difundia-se a ideia de que ela transformaria o Brasil, criando uma pátria educada na moral e nos bons costumes. Ela criaria filhos patriotas, futuros cidadãos que amariam seu país, assim como o então presidente, Getúlio Vargas, que passava a imagem de um bom patriota, cidadão, homem exemplar para os filhos da nação brasileira.

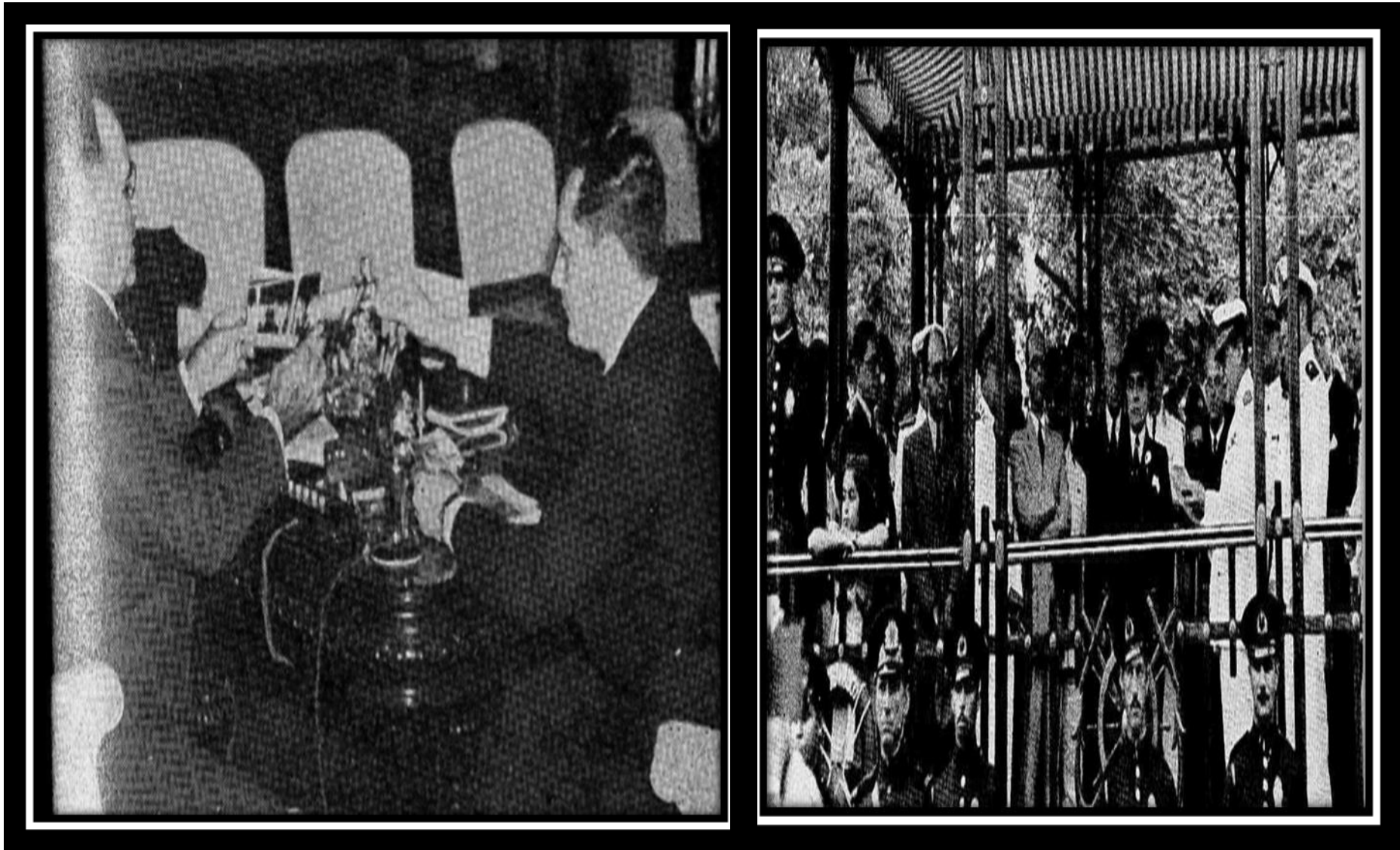
Vargas era conhecido como pai dos pobres devido ao o fato de ter concedido após muitas lutas, greves e organizações da sociedade civil, a carteira de trabalho, o descanso semanal remunerado e o salário mínimo, além de leis trabalhistas aprovadas em seu governo terem propiciado a melhoria da vida dos(as) trabalhadores(as) brasileiros(as)

O trabalho era bem visto por Vargas, que acreditava que o ócio era o inimigo da nação. Em razão disso, sua imagem era sempre associada a de um

homem trabalhador, modesto, chefe da nação que trabalhava pelo e para o povo. Por isso, ele era adorado, considerado o que hoje se denomina de “mito”.

A imagem de Vargas era toda criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, de maneira que a imprensa era subordinada ao governo, e tudo o que era veiculado na mídia tinha que ser aprovado por esse órgão. Logo, nos jornais, revistas e no rádio se propagava uma boa imagem do governo e colocava Vargas como o grande chefe da nação.

Além disso, a mídia servia como instrumento pedagógico para ensinar as mulheres qual era o seu papel, pela divulgação de ensinamentos e doutrinas. Assim, a imprensa deixava de atender sua premissa básica, que era transmitir informações, esclarecer fatos e dar opinião pública.



Fonte: Jornal das Moças, ed. 1364, 07 de agosto de 1941, p. 19.

Fonte: Jornal das Moças, Ed. 1177, 06 de janeiro de 1938, p. 31.



Meu dicionário

Patriota:

1 É a prática de lealdade, amor devotado, identificação, apoio ou defesa de um determinado país. O verdadeiro patriotismo se traduz no impulso para defender a pátria ou modo de vida contra uma injusta opressão estatal.

Ócio:

1 Tempo de descanso.

2 Aversão a qualquer atividade física ou mental.

Fonte: <https://www.infoescola.com/filosofia/patriotismo/>

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=w42ID>



Baú de conhecimento

Dicas

Documentário:

História do Brasil por Boris Fausto- A Era Vargas.

Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=m1hCgnHJ2Fo>

Livro:

FAUSTO, Boris. A História do Brasil. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 362-394.

Disponível

em:

https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2015/11/faueto_boris_historia_do_brasil.pdf



Vamos trabalhar?

Certamente, ao sintonizar o seu rádio na onda FM, você já deve ter se deparado com a programação noturna chamada “A Voz do Brasil”. Você Chegou a ouvi-la? Esse programa foi criado no governo de Getúlio Vargas para que o presidente falasse diretamente com a população. “A Voz do Brasil” informava a população sobre os atos presidenciais e relatava em que o presidente estava trabalhando, o que tinha como propósito exibir e exaltar a imagem do governo. Desde então, passaram-se anos e essa programação ainda está no ar.

Professor(a), motive a participação dos(as) seus(uas) alunos(as) fazendo os seguintes questionamentos:

- ▶ Por que será que esse programa ainda está no ar?
- ▶ O governo exerce alguma influência no que diz respeito à continuidade do mesmo?
- ▶ É obrigatório nos dias atuais a transmissão “A Voz do Brasil” nas emissoras de rádios no Brasil?
- ▶ O Rádio era uma importante mídia no primeiro governo de Vargas (1930 a 1945), quando teve início a Era de Ouro da Rádio. O rádio era tão importante como a internet é no século XXI?
- ▶ Como eram as narrações do locutor? O que eles falam nessa programação?

Convide os(as) alunos(as) a ouvir como era “A Voz do Brasil” no passado, acessando o endereço eletrônico: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Programa_A_Voz_do_Brasil.wav

A Representação Feminina no Jornal das Moças

O “Jornal das Moças” tinha como público principal as mulheres pertencentes a classe media e alta, devemos analisar que era alto o índice de brasileiros analfabetos nesse período, esse índice aumentava com relação as mulheres, e principalmente as mulheres pobres. A maioria das mulheres alfabetizadas pertencia à classe media e alta, devido ao fato do acesso a escola não serem gratuito.

No Estado Novo (1937-1945) vemos a imagem feminina (nas mídias) ser construídas por homens, eles direcionava o que era ser “mulher”. No “Jornal das Moças” havia uma didática, um tom normalizador para os anseios do estado.

No semanário “Jornal das Moças”, que era escrito por homens, era muito comum haver frases como:

▶ *A economia doméstica é um dever que se impõe a uma verdadeira dona de casa”* (Jornal das Moças, 12 de outubro de 1944).

▶ *“Nas reuniões femininas os alto-falantes estão sobrando”* (Jornal das Moças, 06 de janeiro de 1938).

▶ *“Mulher: desde que chegas ao mundo trazes contigo a doce tarefa de fazer feliz os que te rodeiam. Primeiro com teus risos infantis, mais tarde com tua suavidade juvenil e depois com a tua ternura de esposa e de mãe”* (Jornal das Moças, 06 de janeiro de 1938).

Apesar de as décadas de 1930 e 1940 terem sido marcadas por movimentos feministas, a palavra de ordem era: “a mulher nasceu para ser mãe, dona de casa, a imagem e semelhança da Virgem Maria”. Esse discurso, esse projeto político sustentado pelo Estado, igreja, cientistas e por uma grande parte da sociedade ressaltava que o lugar da mulher era em casa, e, se fosse necessário trabalhar fora de casa, isso deveria ser

um ato esporádico, em casos extrema necessidade financeira da família.

Getúlio Vargas, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda, valia-se de vários meios de comunicação, como o rádio, os jornais e também da sociedade civil, para propagar esse discurso, uma vez que ele creditava a responsabilidade de um novo país às mulheres, encarregadas de criar uma sociedade mais saudável, disciplinada, honrosa, católica, moderna e educada. Enfim, elas seriam as principais responsáveis pela consolidação do Estado Novo, do novo Brasil.

Um dos meios utilizados para ensinar a essas mulheres seu papel, idealizado pelo Estado, eram as mídias. Aqui, será analisado especificamente o “Jornal das Moças”, que de forma muito explícita apresenta vários conselhos sobre diversos assuntos, tais como fazer durar o casamento, educar os filhos, comportar-se e se vestir. Lembrando que o “Jornal das Moças” não era escrito por mulheres, mas sim por homens que queriam ensiná-las a como ser e se comportar.



Meu dicionário

Esporádico:

1 Que ocorre apenas ocasionalmente; disperso; isolado, raro.

Utopia:

1 Qualquer descrição ou conceito imaginário de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideal, com leis justas e dirigentes e políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros.

Vamos Trabalhar?

Os jornais, revistas e publicidades brasileiras do século XX até o início do século XXI exibem em suas capas e páginas imagens de mulheres que obedecem aos padrões de beleza impostos, o que se chama de moda.

Professor(a), oriente que seus(as) alunos(as) analisem a imagem que segue. Levante alguns pontos para o debate, como os apresentados na sequência:



Fonte: Jornal Mulheres. In: Jornal das Moças, ed. 1530, 12 de outubro de 1944, p. 17.



- ▶ Qual é a cor da pele da modelo?
- ▶ Quais são os traços do seu rosto? Tem lábios grossos? Qual é o formato do seu nariz? E o cabelo?
- ▶ A respeito da roupa da modelo, pode-se dizer que estava na moda por estar na capa? Como é essa roupa? É provocante ou social? Como esse estilo de vestuário era visto nos anos 1940?
- ▶ A roupa usada pela modelo tem alguma ligação com a 2ª Guerra Mundial? A Boina parece lembra o vestuário militar?
- ▶ O corpo da modelo é magro? Sua maquiagem é discreta ou destacada?

Lançadas essas questões, observe as respostas dos(as) alunos(as) e os(as) leve a compreender a importância e a riqueza da análise de imagens para a compreensão dos diferentes momentos históricos.

Fonte: Jornal Mulheres. In: Jornal das Moças, ed. 1530, 12 de outubro de 1944, p. 17.

Machismo?

A compreensão que se tem no século XXI sobre machismo é muito diferente do que a sociedade entendia no século XX. Nas sociedades baseadas no patriarcado, demarca-se o que é dever e papel exclusivo do homem e da mulher, sendo esta submissa àquele. Mas é preciso ter em mente que se tratavam de outros tempos, outra cultura, e que muito se evoluiu em relação à igualdade de direitos entre os diferentes gêneros.

Na sociedade patriarcal do Estado Novo, os homens e as mulheres têm muito bem definidos seus papéis, sendo o papel da mulher o doméstico, a justificativa utilizada são os atributos biológicos (útero, gestação), ficando assim designado a elas o cuidado do lar e da família, sendo considerados como naturais e exclusivamente feminino.

O governo de Getúlio Vargas foi marcado por ser autoritário, paternalista e também machista. Havia uma

sociedade masculina que afirmava o que era ser mulher e assinalava qual era o comportamento adequado e aceito socialmente.

Do mesmo modo, a sociedade civil, formada por médicos, intelectuais, religiosos, cientistas, militares, e outros, estabelecia o que era ser mulher e também o que não era seu papel, e quais os atributos de uma mulher de respeito. E essas mulheres, apesar de já possuírem o direito garantido ao voto, não tinham voz ativa para lutar por igualdade de direitos.

Nas páginas do “Jornal das Moças”, é possível conhecer qual era o pensamento da maioria da sociedade com relação às mulheres. Em uma seção humorista denominada de “Troças e traços”, havia piadas sobre o cotidiano da população brasileira, muitas delas de caráter machista, que inferiorizavam a mulher, subestimavam sua inteligência, retiravam-lhe a importância social, e não a reconheciam como sujeito histórico.

RESIGNAÇÃO

-Há dois anos seguramente que não falo com minha mulher

-Mas por quê?

-Porque não tenho coragem de interrompê-la.

(Jornal das Moças, 13 mar. 1943, p.7)

TRISTEZA

-Você tem visto Patrício, algo mais triste que um casamento sem filhas?

-Sim senhora. Uma filha sem casamento, quando vai passando da idade.

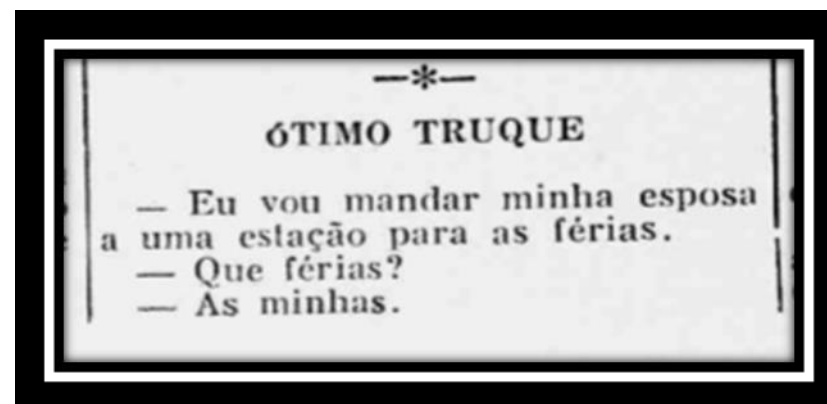
(Jornal das Moças, 13 mar. 1943, p.7)

Nas reuniões femininas os autofalantes estão sobrando.

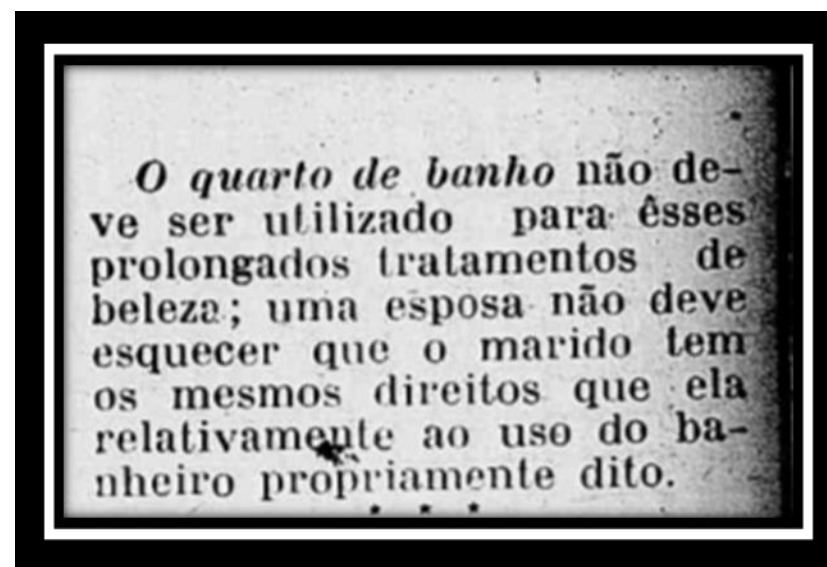
(Jornal das Moças, 06 jan. 1938, p. 66)



Fonte: Jornal das Moças, ed.1475, 23 de setembro de 1943, p. 13.



Fonte: Jornal das Moças, ed.1364, 07 de agosto de 1941, p. 6.



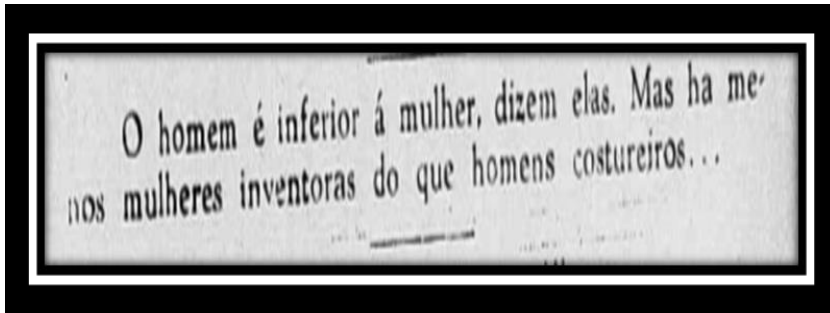
Fonte: Jornal das Moças, ed.1590, 6 de dezembro de 1945, p. 25.



Fonte: Jornal das Moças, ed. 1590, 06 de dezembro de 1945, p. 6.

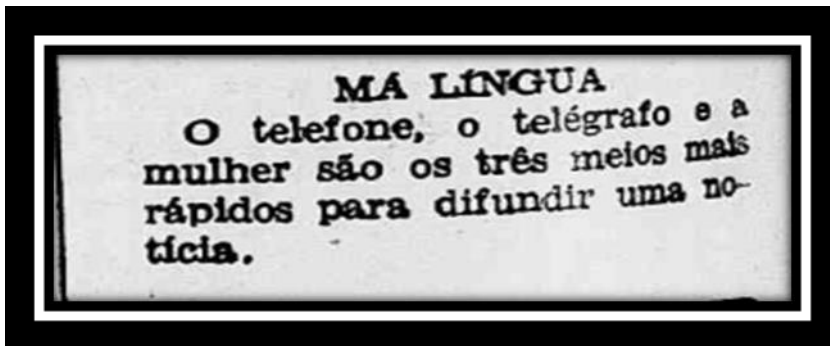


Fonte: Jornal das Moças, ed.1259, 3 de agosto de 1939, p. 122.



Jornal das Moças, ed.1259, 3 de agosto de 1939.

“O homem é inferior á mulher, dizem elas. Mas há menos mulheres inventoras do que homens costureiros...”



Fonte: Jornal das Moças, ed. 1590, 6 de dezembro de 1945, p. 92.



Meu dicionário

Machismo:

- 1 Qualidade, comportamento ou modos de macho (homem); macheza, machidão.
- 2 Orgulho masculino em excesso; virilidade agressiva.
- 3 Ideologia da supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres.

Patriarcado:

- 1 Tipo de organização social que se caracteriza pela sucessão patrilinear, pela autoridade paterna e pela subordinação das mulheres e dos filhos.

Fonte: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=patriarcado>>. Acesso em: 31 mar. 2019.



Baú de conhecimento

Dicas

Documentário:

- **Discurso de Emma Watson pela Organização das Nações Unidas (ONU)- Campanha #HeForShe.**

A atriz do filme do Harry Potter, Hermione, faz um discurso didático sobre a importância da igualdade de gênero no mundo.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rq-joGdDkFU>

- **Precisamos falar sobre o machismo**

É um curto vídeo que mostra narrativas de várias perspectivas sobre as consequências diárias do machismo na sociedade.

Disponível

em:



Vamos trabalhar?

Professor(a), indague os(as) alunos(as) sobre o que eles(as) entendem sobre MACHISMO e FEMINISMO. Faça os seguintes questionamentos:

- ▶ Você alguma vez já “mexeu” com alguma mulher na rua ou viu alguém fazer isso, utilizando termos pejorativos, como “gostosa”, “delícia”, entre outros?
- ▶ Você já deixou de ir a algum lugar ou conhece alguém que já tenha feito isso por ser do sexo masculino ou feminino?
- ▶ O que você sentiu ao ler os exemplos apresentados acima sobre o machismo na Era Vargas?
- ▶ Esse machismo ainda existe? De que forma se apresenta?

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Nukácia M. Araújo. **Revistas femininas e educação da mulher**: o Jornal das Moças. Universidade Estadual do Ceará, 2006. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.
- ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. As funções da teoria da história na construção do livro didático de História Regional. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de história**: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos. Goiânia: Editora da PUC-GO, 2012.
- AUREA CAROLINA: **Participação das mulheres na política**. Publicado pelo canal Assembleia de Minas Gerais. Youtube, 22 de novembro de 2017. 1 vídeo (22m50s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s3J51MP_fcc&t=603s. Acesso em: 31 mar. 2019.
- BANDEIRA, Lourdes. **Tempos e Memórias Movimento feminista no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2010/titulo-e-memorias>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- CAINELLI, Marlene. A escrita da História e os conteúdos ensinados na disciplina de História no ensino fundamental. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 26, n. 51, p. 163-184, jan./jun. 2012.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- _____. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da história. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.6, n. 2, p. 93-112, 2001.
- CORTÊS, Iáris Ramalho. Direito: A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.
- EISENBERG, José; POGREBINSCHI, Thamy. **Onde está a democracia?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FERREIRA, Angela Ribeiro. **História das mulheres no ensino de História do Brasil**: uma análise das abordagens do livro didático. Londrina: ANPUH, 2005.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**. Discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IBGE. Agência notícias. **Estudo revela 60 anos de transformações sociais no país**. IBGE/Agência Notícias, 25 de maio de 2007. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais>>. Acesso em: 09 mai. 2019.

ISMÉRIO, Clarisse. **Construções Representações do universo feminino (1920-1945)**. Históriae, v. 3, n. 2, p.163-183, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2987>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. Documento e História: A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MESZAROS, István. **A Educação para além do Capital**. Tradução de Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOTTA, Alda Britto da. Mulheres velhas, elas começam a aparecer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.

NAHES, Semíramis. **A imagem da mulher no estado Novo (1937/1945)**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. Disponível em: <http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/miolo_Fon_Fon.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

O GLOBO. “Ser Republicano”. O Globo, Rio de Janeiro, 6 jul. 2009. In: CARVALHO, José Murilo. **O pecado original da república: Debates, personagens, e eventos para compreender o Brasil**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.

OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Livros didáticos e Estado Novo: um projeto ideológico. **OP SIS**, Catalão, v.14. n. 2, p. 202-220, 2014.

OSTOS, Natacha Stefania Carvalho de. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Pagu**, Campinas, n. 39, p. 313-343, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 07 mar. 2017.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru-SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha História das Mulheres**. Tradução de Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007; Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareht. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História**. Brasília: Ed.UnB, 2007.

SADDI, Rafael. Didática da história na Alemanha e no Brasil: Considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova didática da história no Brasil. **OPIS**, Catalão, v.14, n.2, p.133-147, jul./dez. 2014.

_____. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, jul./dez. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAMARA, Eni de mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. Prefácio a “Gender and Politics of History”. **Pagu**, Campinas, n. 3, p.11-27, 1994.

*Agradecimentos à Fundação de
Amparo à Pesquisa do Estado de
Goiás (FAPESP)*

*Desenhista:
Douglas Silva*

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100002683762494>

(64) 98108-7713